

gar ao seu pináculo com São Tomás de Aquino.

Acrescenta doutrinas relacionadas ao assunto provenientes de outros conhecidos autores, tanto antigos, como São Boaventura, Ricardo de São Vítor ou Duns Scotus, quanto mais recentes, tais como Gilson, Mounier ou Sgrecia, culminando com os ensinamentos do Supremo Magistério, bem como das Congregações e Dicastérios Romanos concernidos.

Com base nesses ensinamentos, ele salienta um aspecto histórico e sociológico muito importante, quando observa que:

Historicamente, a palavra *persona* assinala a linha de demarcação entre a cultura pagã e a cultura cristã. Antes do Cristianismo não existia nem em

grego e nem em latim uma palavra que exprimisse o conceito de pessoa [...]. O Cristianismo criou uma nova dimensão do homem, isto é, aquela da pessoa. (BENTO, 2011, p. 75, *italico do original*).

Desse modo, o Autor permite concluir que a dignidade da pessoa humana se baseia no fato dela ser criada à imagem e semelhança de Deus, de existir em relação e em função de Deus, sendo, portanto, uma totalidade unificada, portadora de direitos que lhe são inerentes e inalienáveis. E que este é o ponto de referência fundamental para os que desejam se dedicar aos elevados labores das pesquisas *in anima nobilis*.

*Lamartine de Hollanda  
Cavalcanti Neto  
(Professor no IFAT)*

**BERNARD, Charles André. *Teologia mística*. São Paulo: Loyola, 2011. 300 p. ISBN: 978-85-15-03768-1.**

Em sua obra póstuma *Teologia mística*, publicada por primeira vez em francês em 2005 pela *Cerf*, o sacerdote jesuíta Charles André Bernard (1923-2000), um dos maiores expoentes em teologia espiritual do séc. XX, estuda o divórcio entre a filosofia, a teologia e a espiritualidade, originado a partir da decadência da escolástica e causado, em parte,

pelos movimentos filosóficos inspirados ou influenciados pelo nominalismo.

Em função dos avanços das ciências não tecnológicas como psicologia, medicina, antropologia e sociologia, Bernard propõe um diálogo que leve à reconciliação da filosofia, teologia e espiritualidade por meio de um estudo interdisciplinar que abarque os fenômenos místicos

sob prismas antigamente não acessíveis à teologia. Um ponto de partida para esta reconciliação seria o estudo da mística natural enquanto inerente a todos os povos e religiões. Bernard, por outro lado, voluntariamente se limita ao estudo da mística cristã, pretendendo apresentá-la livre da preocupação de uma exposição sistemática da vida mística. Contudo, deixando espaço para referências aos místicos não cristãos. Por esta razão, sublinha ele a imprevisibilidade da vida espiritual e a peculiaridade do misticismo cristão: a iniciativa de Deus alcançado e conhecido antes de tudo por meio da caridade. Um interessante aporte é a constatação de que a partir da encarnação do Verbo, toda mística deve ser considerada em função do Cristo Ressuscitado.

Sintetizamos abaixo alguns pontos mais salientes desta obra.

### ***O diálogo entre a filosofia, a teologia e a espiritualidade: caminho rumo à sabedoria***

Abrindo caminho rumo ao transcendente, a tradição platônica rapidamente tomou consciência dos limites da pura razão, uma vez que a ideia de bem transcende a apreensão racional. Na realidade, o que o platonismo introduziu no Ocidente já era tido como ponto de partida para muitos pensadores orientais.

No Ocidente, uma preocupação primordial consistia em racionalizar os fenômenos místicos. Jean Baruzi, por

exemplo, em *Saint Jean de la Croix et le problème de l'expérience mystique* (1933) mostra que a experiência de São João da Cruz possuía um alcance metafísico, pois chegava a descrever uma apreensão do absoluto. Para Joseph Maréchal e Jacques Maritain, o problema capital consistia em fundar a metafísica de modo que pudesse ser considerada uma ciência do ser e de sua verdade. Existem também escolas versadas no estudo das relações entre mística e filosofia, ou as que se apoiam no estudo do fenômeno religioso e espiritual que se manifesta em numerosas culturas.

Para algumas escolas, importa encontrar nos místicos um apoio para conhecer a realidade. Para outras, os místicos têm valor, sobretudo, por seu testemunho. Entretanto, sob o ponto de vista da especulação contemporânea, apesar de os filósofos poderem ser cristãos, é praticamente impossível considerar sua elaboração filosófica como cristã, tendo-se constituído a primeira em juiz das asserções da segunda.

### ***Um divórcio entre a fé e a modernidade***

É necessário considerar que sendo vivida socialmente, a religião aparece sempre unida à educação, aos ritmos de trabalho e de descanso e à cultura em geral, de modo que a separação do aspecto religioso exigido pelo laicismo moderno não se poderia realizar sem suscitar resistências, pois é

difícil ao crente não se sentir interpelado por aquilo que se lhe afigura como uma premente intimação. A origem do problema estaria talvez no fato de que a modernidade faz com que o homem seja o criador dos valores. Se este fato deve ser saudado positivamente, por um lado, pois faz surgir nele um sentido de responsabilidade, por outro não se pode negar um problema fundamental sob o ponto de vista ético: o consenso da maioria ocasionaria necessariamente uma legitimidade moral? Deparamo-nos aqui com uma atitude que entra em choque com a teologia espiritual, a qual, num primeiro momento, subordina-se inteiramente à teologia moral.

### ***Um novo diálogo***

Constata-se sem dificuldade que a oposição entre teologia e espiritualidade nunca alcançou a virulência da oposição entre teologia e filosofia, e, com razão, pois a espiritualidade pertence à teologia, estando esta enraizada na fé e continuamente se nutre da Revelação. Se, pois, pode-se falar de diálogo entre filosofia, espiritualidade e teologia, é preciso concordar que houve primeiramente um divórcio artificial: maior entre filosofia e teologia; menor entre teologia e espiritualidade.

Quando se deu este divórcio? Na tradição teológica, as correntes monásticas sempre deram grande espaço à espiritualidade. Mas no fim da Idade Média, diante da teologia nominalista e abs-

trata, os responsáveis pelo domínio da espiritualidade manifestaram certa desconfiança em relação ao pensamento escolástico, chegando ao ponto de os teólogos nada esperarem da espiritualidade.

Para um diálogo eficaz é necessário, em primeiro lugar, reconhecer que a espiritualidade, cuja forma perfeita constitui a vida mística, oferece uma contribuição original às outras disciplinas. A noção de conhecimento concreto de Deus é decisiva para o entendimento das relações entre a espiritualidade e as outras duas disciplinas, pois a fé ou a razão, a filosofia ou a teologia desembocam em uma ideia de Deus elaborada pelo sujeito, e seu valor se mede mais pela capacidade do espírito que pela forma. A vantagem do místico é que onde o intelecto para, o coração prossegue o movimento. Daí que seja necessário não restringir *a priori* toda possibilidade de apreensão e de expressão do real ao conhecimento racional.

### ***Qual tipo de sabedoria?***

A partir de uma visão de conjunto entre filosofia, teologia e espiritualidade é possível definir um caminho para a sabedoria, integrando procedimentos requeridos pelas diferentes disciplinas. Para isto não é necessária uma particular capacidade especulativa. É notadamente mais útil o bom senso, que faz conhecer pessoas e coisas com realis-

mo e abertura. Uma pessoa que queira viver em profundidade seu cristianismo deveria normalmente apelar para as contribuições da teologia e da filosofia, dar provas de paciência e modéstia e recusar toda afirmação peremptória.

### ***Teologia mística***

Uma pergunta anterior à abordagem do tema da mística cristã diz respeito à mística natural: Trata-se de uma busca de Deus? Esta pergunta põe-se certamente em relação ao budismo zen, pois ele representa uma transmissão especial alheia a toda doutrina e que se dirige diretamente ao coração do homem, e que não determina nenhuma relação do espírito com um Deus, embora a palavra “mística” seja empregada para descrevê-lo. No caso da mística cristã aparecem três tipos de interpretação do termo, com grande riqueza e variedade. Certos autores como Dionísio Areopagita, Eckhart ou Bérulle fazem especulações ousadas. Muitos místicos medievais e Santa Teresa de Lisieux desenvolvem relações afetivas com a Trindade em função de Cristo. Outros vivem a dimensão mística na ação apostólica e caritativa. Certamente seria desejável convocar também místicos de outras confissões cristãs, de outras religiões e de outras disciplinas espirituais já que a vida mística levanta necessariamente questões antropológicas gerais.

### ***A problemática mística***

Um tema tipicamente dionisiano deve ser considerado na atualidade: não sabemos de Deus o que Ele é, mas apenas que é. Dionísio articula a teologia mística com a teologia conceitual e com a teologia simbólica. Naquela época, como afirma Rudolf Otto, “místico” era um adjetivo cujo substantivo correlato era “teologia”, indicando a busca de um sentido *misterioso* e *profundo* nas Escrituras.

Atualmente, a problemática mística se amplia com a pergunta de Albert Cuttat: A experiência cristã é capaz de assumir a espiritualidade oriental? É que a mística cristã se fundamenta sobre uma relação pessoal com Deus, mas a espiritualidade hindu, por exemplo, se baseia em um processo exclusivo de interiorização. Um ponto de encontro poderia ser o fato de que a vida mística em geral não requer um esforço especulativo rigoroso. Neste sentido pode-se inclusive falar de um misticismo ateu, representado pela poesia, a música, o amor, a arte e o cosmos. Para utilizar a expressão de Eliade, válida para quase todas as formas orientais de mística, “a verdade não é preciosa em si mesma; ela se faz preciosa graças à sua função soteriológica”.

### ***O conhecimento de Deus***

Seguindo sua inclinação cultural, os teólogos cristãos concentram-se natu-

ralmente no problema do conhecimento de Deus. Eles podem prestar um serviço à mística dando à indagação metafísica um peso de realidade conferido pela experiência. A obra de Joseph Maréchal, por exemplo, se situa num duplo plano, psicológico e metafísico, tratando de encontrar no testemunho místico uma base para sua tese sobre a possibilidade de uma intuição intelectual do ser.

### ***Contemplação e vida mística***

Segundo Gerson, pode-se fazer assim a diferença entre contemplação e vida mística: “do mesmo modo que a contemplação reside na faculdade cognitiva da inteligência, assim também a teologia mística deve ser relacionada com a faculdade afetiva correspondente [isto é, a *sindérese*]” e conclui afirmando que “embora a teologia mística seja um conhecimento supremo e perfeito, ela pode ser possuída por qualquer fiel, mesmo por uma pessoa simples e sem cultura”.

### ***Esclarecimentos teológicos***

A psicologia cristã é uma psicologia da graça, e a graça não é um dado estatístico. A graça é um movimento divino que estabelece a aliança e realiza as promessas. Para compreender a vida mística cristã é necessário estabelecer uma noção de receptividade anterior à consciência mística.

Ao contrário dos especialistas orientais em meditação, os autores cristãos

não aceitam que a substituição da atividade habitual da consciência pela ação de Deus seja provocada pela criação de um vazio na primeira, como se Deus, tendo horror ao vazio, se apressasse em completá-lo. O critério comumente aceito é o da passividade, a qual, entretanto, admite intensidade e duração.

Estando a mística ao alcance de todo cristão, em função dos estudos de Poulain, é difícil determinar se há continuidade ou ruptura entre a substância da vida cristã e sua modalidade mística. Pode-se, isto sim, fazer uma menção à noção desenvolvida por Garrigou-Lagrange e já indicada pelo Pe. Arintero: a vocação universal à vida mística.

### ***Fenômenos presentes na vida mística***

Do ponto de vista da intencionalidade principal da vida mística — a busca da união com Deus — não há nenhuma razão para que se verifiquem particulares manifestações psicológicas ou corporais. Entretanto, como o demonstra a experiência, a vida mística é muitas vezes o lugar em que se manifestam fenômenos não habituais: locuções interiores, visões, insensibilidade corporal, estados segundos, etc. Estes fenômenos podem se agrupar em dois conjuntos mais importantes. De um lado as visões, audições e outras sensações que se referem aos sentidos corporais, as quais acompanham a experiência da presença da realidade misteriosa

com que a pessoa mística entra em contato. De outro, as repercussões psíquicas e físicas de sua experiência na pessoa mística.

### ***O desdobramento da vida mística***

Os teólogos partem da ideia de que a vida mística antecipa a eterna e atribuem-lhe como finalidade um conhecimento intuitivo de Deus. A vida mística, num primeiro momento, é imperceptível, mas num segundo momento não prossegue sem suscitar apreensão. Num terceiro momento, quando a consciência alcança um nível propriamente espiritual, o discernimento se fará sem esforço, inserindo-se no curso de uma vida interior mais ampla.

### ***Graças inaugurais***

As mais notáveis são evidentemente as que se dão com as crianças, como foi o caso de Santa Catarina de Sena em uma visão, ou com Maria da Encarnação, bem-aventurada ursulina do séc. XVII, em sonho. Hoje em dia se minimiza a capacidade das crianças no plano da vida sobrenatural e mística. Frequentemente, a visão ou o sonho utilizam a linguagem simbólica que só mais tarde será desvelada.

Não se pode ignorar, por outro lado, um fenômeno presente nos movimentos carismáticos atuais. Bastante semelhantes, em sua forma, às graças inaugurais,

as graças de conversão abrem caminhos místicos.

### ***Interiorização***

Na vida cristã, a interioridade da operação mística deve ser considerada como um dado primitivo e fundamental, sendo paradigmático e privilegiado o caso da Santíssima Virgem, e parece notável que São Luís Maria Grignon de Montfort tenha unido tão estreitamente o sentido de Sabedoria à espiritualidade marial. São Luís fala de um “segredo”. Se considerarmos o uso da linguagem mística, veremos que o “segredo” não significa uma verdade esotérica, mas sim a verdade comum tornada viva, de sorte que a experiência montfortiana da mediação de Nossa Senhora possui o caráter de plenitude que se encontra em outras experiências místicas e tende a assimilar a presença experimentada em uma comunicação ontológica. Em todo caso, qualquer que seja o ponto de vista do sujeito, seja contemplativo ou ético, sempre nos encontramos ante a ideia de progresso por meio de diferentes etapas.

\*\*\*

Como pudemos constatar, este estudo representa, sem dúvida, mais um avanço nos estudos da teologia mística — disciplina tão atraente e infelizmente ainda não devidamente valorizada — no horizonte acadêmico contemporâneo.

*Antonio Jakosch*  
(professor no IFAT-ITTA)